



INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS E SOCIAIS NO COMPLEXO DE MANGUINHOS: ANÁLISE DO LEGADO DO PAC MANGUINHOS – RJ

Gilson Ribeiro da Silva¹
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
gilson17@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho analisa a temática favela, que sempre ganha lugar de destaque quando se discute espaço urbano. No presente, destacamos as favelas que formam o Complexo de Manguinhos enfocando as transformações ocorrida nesta, com a implantação do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) pelo governo federal. O programa foi implementado em Manguinhos em 2008 e o seu posterior legado da área em questão, nos oferecem subsídios na investigação dos impactos urbanos e sociais neste complexo de favelas localizado na cidade do Rio de Janeiro. Assim, a partir das obras urbanísticas do PAC, presume-se o início de um novo momento nas favelas que compõem Manguinhos, pois tais obras de intervenções indicam elementos estruturais no desenvolvimento social deste território que por décadas encontrou-se vulnerável. Nesse sentido, compreender e discutir o legado do programa, tem-se a geografia como ponto de partida para esse trabalho.

Palavras-chave: Favela; Rio de Janeiro; Intervenção urbanística

GT – 08: Geografia Histórica Urbana

¹ Orientador: Prof. Dr. Maurílio Botelho (PPGGEO/UFRRJ)



INTRODUÇÃO

A superfície terrestre vem sendo palco de disputas desde antes da existência dos seres humanos. E a relação de forças já estava intrinsecamente ligada com a formação e distribuição espacial, seja através de um confronto entre animais de espécies distintas, pela sobrevivência de plantas aos diferentes climas do planeta, ou até mesmo nos confrontos entre tribos rivais. Esses embates, de diferentes grupos já resultava em uma diferenciação da ocupação espacial entre eles, habitando lugares segundo suas necessidades e seu poder sobre os outros grupos.

Como se sabe, os jogos de forças ainda estão presentes sobre o espaço, mas em grande parte com características diferentes vistas até o final do século XIX. Novos agentes foram incluídos nesse processo de disputa espacial, e a relação entre humanos e o capital ficou cada vez mais inscrita no espaço habitado. Dessa forma, o poder de determinados grupos sociais, se sobrepuseram à outros grupos, onde aqueles que geralmente são dotados de mais capital, e mais poder de influência, tendem a habitarem áreas com características melhores, e de um maior custo para compra.

A diferenciação espacial, desta forma, é resultado de diferentes ações, de múltiplos agentes, que foram – e são constantemente – realizadas ao longo do tempo. Assim, Santos (2014, p.317) menciona que “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidade de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada um”. Retratando a importância do jogo de forças de cada grupo.

Em uma análise mais atual, com base em sua extensa pesquisa documental e análises de tendências, Piketty (2014), afirma que: “Desde a década de 1970, a desigualdade voltou a aumentar nos países ricos, principalmente nos Estados Unidos, onde a concentração de renda na primeira década do século XXI voltou a atingir — e até excedeu — o nível recorde visto nos anos 1910-1920.”

E, ainda segundo o autor: “Quando a taxa de remuneração do capital ultrapassa a taxa de crescimento da produção e da renda, como ocorreu no século XIX e parece provável que volte a



ocorrer no século XXI, o capitalismo produz automaticamente desigualdades insustentáveis, arbitrárias, que ameaçam de maneira radical os valores de meritocracia sobre os quais se fundam as sociedades democráticas.

Com isso, o presente trabalho, tem como objetivo debater como essa diferença nas formas dos diversos grupos sociais em ocupar o espaço e a crescente desigualdade, se dá no âmbito das cidades e conseqüentemente na formação das favelas. Nessa direção a fim de amenizar os problemas habitacionais, de saneamento, segurança entre outros, tem-se o primeiro grande projeto de intervenção urbanística nas favelas de Manguinhos aqui apresentados.

Os procedimentos metodológicos adotados para esta análise por se tratar da evolução e considerando os diferentes períodos de Manguinhos, conforme indica Vasconcelos(2009), desempenha um papel fundamental que é de retratar uma história inicial comum de determinado lugar. Além de fontes secundárias sobre o período que retrata sobre a gênese de Manguinhos, como FIOCUZ e IBGE e mais recentemente literaturas ligadas as obras do PAC, como mapas e bases cartográficas que servem de subsídio para compreender e analisar a ocupação do território ao longo os períodos.

2 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A QUESTÃO DA HABITAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NO ESPAÇO URBANO NO RIO DE JANEIRO

A organização interna da cidade do Rio de Janeiro se mostra complexa desde os tempos do Império. Quando o espaço urbano passou a ser gerido pelo capital, tal problema se agravou devido aos diferentes interesses existente em ocupar o solo urbano. Com o ritmo cada vez mais acelerado, a cidade cresceu, se desenvolveu e buscou medidas de organização do espaço de acordo com os interesses da classe dominante. Dessa maneira, no final do século XIX, a questão da habitação para a classe proletária tornou-se preocupante, pois a cidade recebia um contingente cada vez maior de migrantes e imigrantes em busca de empregos na capital do país. Com isso, os mesmos buscavam se instalar próximos às áreas centrais e no seu entorno, visando melhores condições de emprego e oportunidades de ascensão social. Nesse sentido, como não havia um planejamento habitacional do Estado para com as classes mais pauperizadas, ocorreram ocupações em antigos



casarões antes pertencentes às elites e abandonados por essa classe dominante, formando os cortiços, que se definiriam como uma nova opção de moradia para a classe menos favorecida economicamente.

Deste modo, as condições habitacionais para a classe menos favorecidas foram extremamente precárias, historicamente. Muitas famílias que viviam nos cortiços, nas casas de cômodos e estalagem na cidade, no período em tela, sofriam com a ausência das condições básicas no seu cotidiano. Essas formas de moradias, por serem coletivas, eram vistas pelas autoridades municipais como instalações insalubres, anti-higiênicas e responsáveis por proliferar doenças na cidade, como, por exemplo, a febre amarela, a cólera. Valladares (2000) aponta que a pobreza urbana preocupava as elites cariocas, pois as mesmas buscavam medidas para combater a miséria e a pobreza que ameaçava a imagem de *city beautiful* tão difundida pela Escola de Chicago em meados do século XIX.

Diante dessa conjuntura, ainda não se falava formação da favela, que se configurava como alteração na paisagem urbana do período exposto, pois nesse momento os governantes viam essas habitações como provisórias e não definitivas devido às condições precárias das instalações. Os intérpretes autorizados a descrever esses espaços da cidade eram os jornalistas, médicos, cronistas, autoridades policiais e os engenheiros. Estes, através dos jornais, meio mais comum de comunicação do período em questão, reproduziam para a sociedade carioca o que acontecia nas áreas íngremes ocupadas. As primeiras ocupações aconteceram no Morro da Favela, que posteriormente passou a ser chamado de Morro da Providência. Eram instalações construídas de madeira e outros materiais improvisados. Não havia nenhum tipo de conforto ou segurança. A população sofria com a ausência dos serviços de saneamento e outros serviços públicos, ou seja, ausência de políticas públicas. Os lotes de terra ocupados eram, em sua maioria, alugados pelos arrendadores com título de propriedade, a fim de obterem algum tipo de lucro com a instalação dos barracos.

A fim de amenizar os problemas habitacionais entre as décadas de 1950 e 1980 surgem três intervenções importantes de Políticas Públicas. A criação dos Institutos de Aposentadorias e Pensões, os Parques Proletários e a Fundação Casa Popular. Nesse sentido para essa análise, cabe ressaltar que a área de Manguinhos recebeu a instalação de um dos Parques de Habitação Provisória em meados da década de 1950, abrigando assim, pessoas que eram removidas de outras



áreas mais valorizadas da cidade do Rio de Janeiro. Essa seria umas das primeiras políticas públicas de habitação para a população de Manguinhos em meados do século XX. Mesmo com tal intervenção do Estado, a área que hoje é conhecida como Complexo de Favelas de Manguinhos, continuou a se expandir sem nenhum controle do Estado, assim aumentando o número de moradores na região e a formação de outras favelas internas.

2.1 INTERVENÇÕES EM MANGUINHOS: DA FAVELA AO COMPLEXO DE FAVELAS E AS OBRAS DO PAC

Quando falamos em Políticas Públicas, logo pensamos em algo que o Estado ou alguma organização não governamental estão envolvidos a fim de solucionar ou intervir com políticas que auxiliem uma parte ou o todo de uma população, com serviços de saneamento básico, educação, habitação entre outros. Hofling (2001), também chama as políticas públicas de políticas sociais, devido as relações consideradas fundamentais para a autora, entre o Estado e a população.

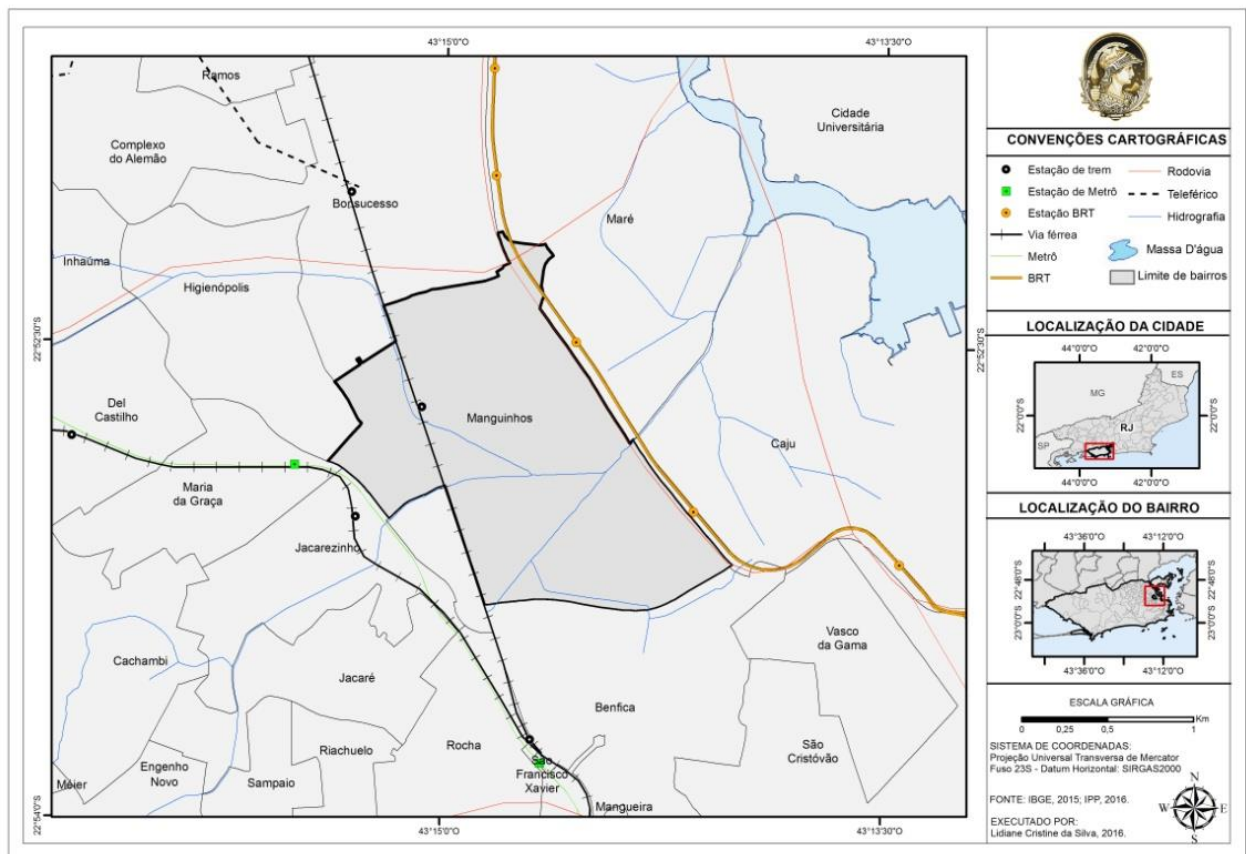
Souza (2006), aponta que políticas públicas são conjuntos de ações do governo que tem como objetivo produzir efeitos específicos em determinado grupo social, ou seja, uma ação de caráter transformador.

Nessa direção, voltando um pouco para o objeto dessa análise, em 2007 o governo federal lança o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) nas favelas que englobam Manguinhos, Rocinha e Complexo do Alemão. A ideia central de tal programa é intervir com projetos de naturezas diversas, mas o principal objetivo do programa é levar urbanização e moradias para as favelas contempladas pelo programa.

Algumas políticas públicas já tinham sido implementadas em favelas do Rio de Janeiro, como o programa “Favela Bairro”. Mas, em Manguinhos nenhuma política dessa natureza tinha sido de fato executada. As favelas da cidade sempre foram enxergadas como um problema, aonde se tinha habitações improvisadas, falta de saneamento básico, a população residente sofre estereótipos como, usuários de drogas entre outros. Além dos problemas citados, as favelas não eram reconhecidas como bairros pertencentes ao município do Rio de Janeiro, o que reforçava ainda mais o preconceito com as áreas de favelas e sua população.

Manguinhos foi reconhecido como bairro em 1988 e passou a fazer parte da cartografia do município do Rio de Janeiro com suas delimitações oficiais (mapa 1). Avançando um pouco mais na cronologia, tem-se em 2007 o recebimento dessa nova política na favela, o PAC. No que se refere à favela de Manguinhos, várias localidades de dentro da favela foram alvo de programas urbanísticos, assim algumas delas receberam grandes intervenções que prometeram mudar por completo sua configuração espacial e social.

Figura1: Mapa do Bairro de Manguinhos



Fonte: IPP, 2016

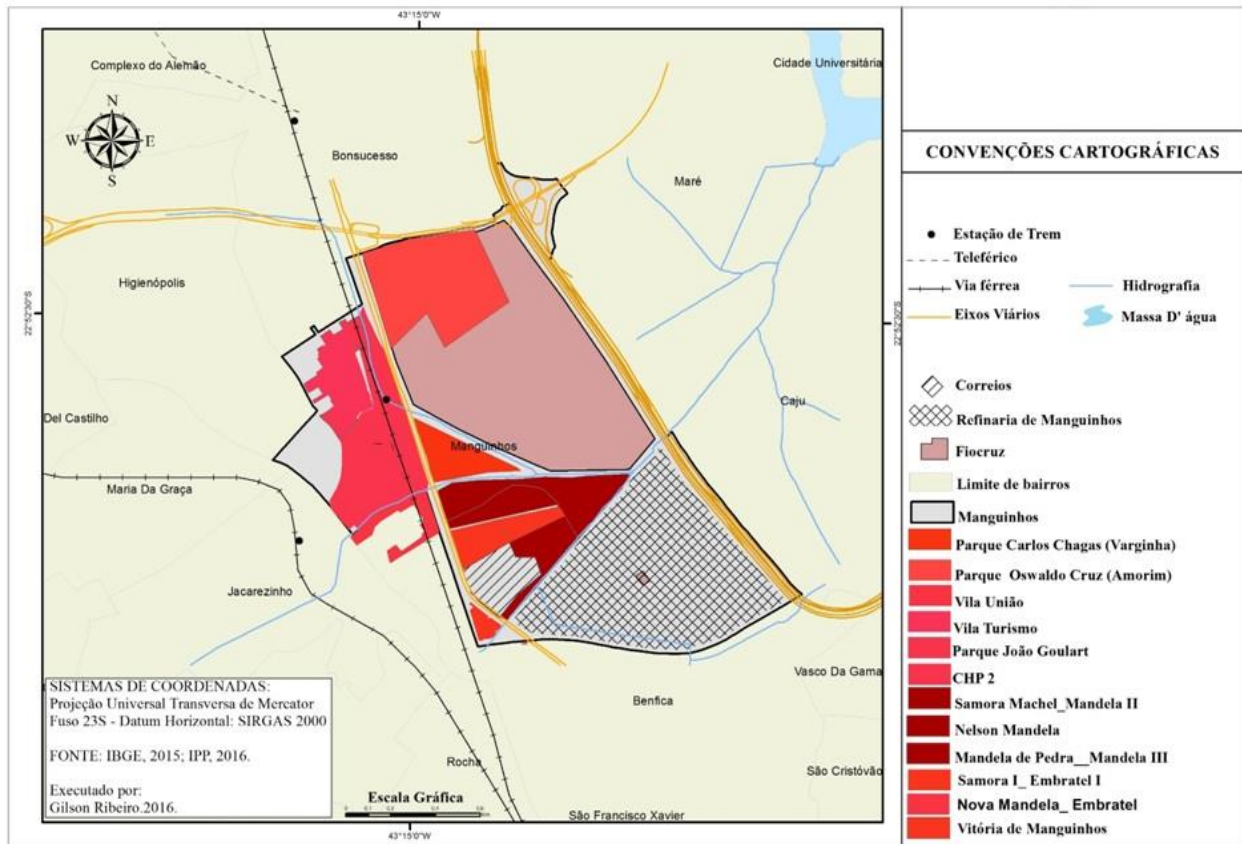


Tal programa foi importante para dar visibilidade as áreas de favelas tão marginalizada e esquecida pela população desde a sua gênese. Em Manguinhos uma das obras que marcaram esse território, foi a elevação da linha férrea, fazendo com que não houvesse uma “divisão” e interligando os dois lados do Complexo de Manguinhos. Para que tal obra fosse realizada, muitas famílias foram removidas e tiveram suas casas demolidas com a promessa de indenizações e/ou a garantia de uma nova casa em outra área da cidade ou próximo a Manguinhos.

Além das transformações urbanísticas ocorridas, Manguinhos também contou com a entrada das forças policiais no território em 2012. Tem-se a instalação de uma base da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), a fim de diminuir a violência e o tráfico de drogas na área em questão. Nesse sentido, tem-se a instalação de uma Biblioteca Estadual, novas áreas de lazer e uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento). Com isso, podemos compreender a importância dessa política pública para o Complexo de Manguinhos, no que tange a visibilidade da área na cidade do Rio de Janeiro e a construção da cidadania antes esquecida para a população local.

O processo de ocupação do conjunto de favelas de Manguinhos, localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, teve seu início vinculado aos antigos trabalhadores da construção do Castelo do Instituto Oswaldo Cruz (1901). Ao longo do tempo foram produzidas outras doze ocupações (mapa 2) até as recentes intervenções do Programa de Aceleração do Crescimento (2008) que reorganizou e consolidou a atual configuração desta região.

Figura 2: Favelas que compõem o Complexo de Manguinhos



Fonte: IPP, 2016

A escolha por Mangunhos como recorte de análise deste trabalho se justifica pelas transformações urbanísticas testemunhadas na cidade durante as intervenções do PAC nas áreas do complexo de favelas em questão. Pela primeira vez em sua história, Mangunhos recebe investimentos e intervenções desse vulto. Até então, a maioria das ações do Estado não passaram



de obras pontuais e limitadas. Os motivos para a região não ter sido abarcada pelo Programa Favela-Bairro, por exemplo, criado pelo prefeito César Maia em 1993, revelam como as especificidades locais impõem uma série de dificuldades à ação do Estado. Inicialmente, o programa contemplava apenas favelas de médio porte e por Manguinhos ser um conjunto de favelas, ou seja, de grande porte, não se enquadraria.

Assim, identificamos as principais transformações ocorridas no complexo de favelas de Manguinhos com a implementação do PAC e como o espaço foi reorganizado geograficamente através de tal intervenção urbanística. A presença de infraestrutura no complexo de Manguinhos é notória, mas muitas favelas que compõem o complexo não receberam nenhum tipo de melhoria, causando assim diferenciações entre as favelas dentro do Complexo.

Analisar o legado deixado pelo PAC, para a população de Manguinhos dentro de uma perspectiva que englobe uma melhora no cotidiano, na cidadania e do direito à cidade é muito importante, pois pode-se verificar até que ponto essas políticas públicas são eficazes no que tange a inclusão dessa população nos demais acesso a outras partes da cidade e a melhoria nas condições de vida.

2.2 CARACTERÍSTICAS SÓCIODEMOGRÁFICA

O Complexo do Manguinhos está situado na Área de Planejamento 39 (AP3) do município do Rio de Janeiro, na XXIX Região Administrativa, próximo aos bairros da Penha, Olaria, Ramos, Maré e Bonsucesso, na Zona Norte da cidade. Ainda que seja classificado como um bairro desde o ano de 1988, ou seja, um tipo de demarcação territorial que supõe habitação formal, esgotamento e infraestrutura, o Complexo é socialmente representado e experimentado como um conjunto de favelas ou comunidades, conhecidas e reconhecidas como diferentes entre si pelos próprios habitantes.

Com relação ao número de comunidades que integram o Complexo existem controvérsias e dependendo da fonte consultada elas podem variar entre 12 e 16 favelas. Segundo dados do Sistema de Assentamentos de Baixa Renda – SABREN/IPP (2011) são 12 favelas que fazem parte



do Complexo, sendo elas: Parque Oswaldo Cruz (Amorim), Parque Carlos Chagas (Varginha), Parque João Goulart, Vila Turismo, CHP-2, Vila União, Conjunto Nelson Mandela, Conjunto Samora Machel, Mandela de Pedra, Samora II (Embratel I), Vitória de Manguinhos e Embratel (Nova Mandela).

Com relação aos índices de desenvolvimento humano (IDH) e de desenvolvimento social (IDS) da cidade do Rio de Janeiro, observa-se que a região administrativa e o bairro do Complexo de Manguinhos apresentam os piores resultados comparando-os com os demais bairros da cidade. O Índice de Desenvolvimento Humano tem como objetivo mensurar as condições de vida de uma população levando-se em conta indicadores de renda, educação e esperança de vida ao nascer¹⁰. Varia de zero até 1, sendo considerado baixo na faixa entre 0 e 0,499; médio entre 0,500 a 0,799; e elevado quando igual ou acima de 0,800.

Segundo o Censo realizado pelo IBGE em 2010, Manguinhos possui em torno de 35 mil habitantes em uma área de cerca de 540 mil metros quadrados. E em 2008 estas favelas começam um processo de reestruturação urbana, fazendo assim uma nova organização do espaço. A presença do narcotráfico sempre fora um problema de violência urbana presente em Manguinhos. Esta região na década de 1990 começa a sofrer com a saída de empresas públicas e privadas devido ao aumento da violência na região.

2.3 A FAVELA VISTA PELA GEOGRAFIA

A geografia tem como preocupação basal a tentativa de compreender o espaço geográfico, pensado por SANTOS (2006) como a soma indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de ações. Para que avanços sejam feitos nesta direção, SANTOS (2006) afirma ser necessário um sistema de conceitos que abarque tanto o todo quanto as partes em sua interação. Assim, de acordo com o autor, conceitos como espaço, território, região, paisagem, lugar, entre outros, que ao longo do tempo foram e ainda são exaustivamente discutidos no âmbito da geografia, são indispensáveis à lógica geográfica.



Apesar de muitos dos conceitos geográficos oferecerem uma enorme contribuição ao estudo de favelas, concentraremos nossos esforços na paisagem. Isto, pois nosso recorte espacial refere-se essencialmente ao processo geo-histórico da cidade do Rio de Janeiro, em especial as favelas de Manguinhos.

Desta forma, ao se tratar a favela como transformadora da paisagem sob a óptica da geografia, se faz necessária uma abordagem teórica sobre este conceito tão caro a ciência geográfica. Para SANTOS (1988), *“tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”* (SANTOS, 1988, p. 21). O autor prossegue afirmando que a partir das inovações técnicas, provenientes das sociedades ao longo da sucessão temporal, a paisagem, apesar da rigidez das formas, torna-se objeto de mudança.

Autores como Abreu (2004) e Gregory (1996) apontam a importância da Geografia Histórica nas análises sobre evolução urbana, social, econômica e política. Os autores afirmam serem complexos os estudos sobre Geografia histórica devido a divisão acadêmica das duas ciências, porém este misto de interesses entre a história estudar o passado e a geografia o presente que somam e compilam para esse novo olhar do geógrafo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que o avanço efetivo de políticas públicas para as favelas, de forma a integrá-las à cidade seja importante no resgate da cidadania da população. As intervenções que implicaram em remoções foram aquelas que mais marcaram a configuração da favela, alterando sua paisagem,



e sendo experimentada enquanto um drama para os moradores. Uma solução na implantação de políticas públicas, seria a participação dos moradores na construção do projeto e programa que irá ser efetivado na área, por exemplo.

Pelo exposto, o território de Manguinhos possui processos urbanísticos típicos de outras áreas de favelas do Rio de Janeiro, ou seja, falta de investimentos e infraestruturas precárias. Nos últimos anos, tanto os governos federais, estaduais e municipais buscam políticas integradoras que auxiliem na promoção a saúde, educação e urbanização nas favelas que compõem Manguinhos. A temática favela ganha destaque quando analisamos seus processos geográficos e históricos na cidade do Rio de Janeiro, pois tal análise permite compreender o presente, visitando passado.

As intervenções ocasionadas pelo PAC nas favelas cariocas ainda geram discussões mesmo após o fim das obras propostas pelas entidades governamentais, pois parte da população se sente lesada no processo, onde se deu programa. Muitas famílias ainda aguardam indenizações, muitas promessas ficaram no papel e com a favela se organiza e se reinventa de outras formas.

4 REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício Almeida. (2006 [1987]): **Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Iplanrio/Jorge. Zahar Editor.**

_____ (1992). **A cidade, a montanha e a floresta**, In: ABREU, Maurício Almeida (org.). **Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. 352 p.

_____ (1994). **Reconstruindo uma História Esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio**. In: Espaço & Debates. São Paulo, v.14, n.37, pp. 34-46

_____ (2003). **Da habitação ao hábitat: a questão da habitação popular do Rio de Janeiro e sua evolução**. In: Revista do Rio de Janeiro. n° 10, pp. 161-177, maio a agosto de 2003 BENCHIMOL.

ABREU, Maurício de e Vaz, Lilian Fessler (1991). **Sobre a origem das favelas**. Trabalho apresentado ao IV Encontro Nacional de ANPUR, Salvador. Pp. 481-492 49

AGACHE, Alfred. (1930), **Cidade do Rio de Janeiro: extensão – remodelação – embelezamento**. Rio de Janeiro, Prefeitura do Distrito Federal.



- ALMEIDA, Rafael Gonçalves de (2016). **Favelas do Rio de Janeiro: a geografia histórica da invenção de um espaço**. Tese de Doutorado, UFRJ.
- BORGES, Maria Vicente (2007). **Zoneamento na cidade do Rio de Janeiro, gênese, evolução e aplicação**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, UFRJ, IPPUR.
- CAMPOS, Andreolino de Oliveira (2004). **Do quilombo à favela: a criação do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: Um conceito-chave da Geografia**. In: Castro, Iná Elias de; Gomes, Paulo C. da C (orgs). **Geografia: Conceito e Temas**. 13ªed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010. p. 15-47.
- FERNANDES, Tânia; COSTA, Renato da Gama-Rosa (2009). **Comunidades de Manguinhos: História de pessoas e lugares. Memória de um bairro popular do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- GONÇALVES, Rafael Soares (2013). **Favelas do Rio de Janeiro: História e Direito**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio.
- HEFLING, Eloisa de Mattos. **Estado e Política (públicas) sociais**. Caderno cedes, ano XXI, N 55, nov/2001.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) (1940). **Recenseamento Geral do Brasil. População e Habitação**. Série Nacional, Vol. 2.
- LEEDS, Anthony, e LEEDS Elizabeth (1978). **O Brasil e o Mito da Ruralidade Urbana: Experiência Urbana, Trabalho e Valores nas "Áreas Invadidas" do Rio de Janeiro e Lima, in A Sociologia do Brasil Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MOURA, Vitor Tavares de (1940): **Esboço de um Plano para estudo e solução do problema das favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, mimeo.
- NOVAES, André Reyes (2014). **Favelas and the divided city: mapping silences and calculations in Rio de Janeiro's journalistic cartography**. Social & Cultural Geography (Print). V.15, p. 201-225.
- PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro**. São Paulo: Editora paz e terra. 2002. 50
- ROBAINA, Igor M. Medeiros (2009). **A favela entre a cruz e a espada: A criação da Fundação Leão XIII e o Ordenamento Sócio- Habitacional Carioca (1947-1962)**. São Gonçalo. Dissertação de Mestrado, UERJ, FFP.



SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia** / Milton Santos em colaboração com Denise Elias. 6 ed. 2. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014a. 136 p. (coleção Milton Santos; 10).

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: Santos, Milton et al. **Território, territórios. Ensaio sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.

SILVA, Maria Lais Pereira da (2005) **Favelas Cariocas, 1930-1964**. Rio de Janeiro: Contraponto.

SOUZA E SILVA, J. de; BARBOSA, J.L.. **Favela: alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio; Brasil, 2005.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: uma revisão de literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, n16, jul/dez 2016.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

VALLA, Victor Vincent (org.) (1986). **Educação e Favela: políticas para as favelas do Rio de Janeiro, 1940 – 1985**. Petrópolis: Editora Vozes.

VALLADARES, Licia do Prado (2005): **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV.

VALLADARES, Licia do Prado. **A gênese da favela Carioca: A produção anterior às ciências sociais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15 n 44 outubro/2000.

VASCONCELOS, P. A. **Questões metodológicas na geografia urbana histórica**. p. 147-157 In. Geo textos. Bahia, vol 5, n 2, dez, 2009.

ZALUAR, Alba. Crime, medo e política. In: ALVITO, M. e ZALUAR, A (Orgs.). **Um Século de Favela**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 2006.